

“Viemos de longe com um som novo para vocês”: a dimensão sônica da mobilidade haitiana no Brasil e os desafios à imaginação política

Daniel Stringini

1 INTRODUÇÃO

A citação presente no título deste artigo foi enunciada por Nahum, presidente da Associação de Haitianos da cidade de Chapecó (SC), em um evento ocorrido alguns dias antes do Natal de 2019, onde, entre outras atividades locais, uma banda de konpa (gênero musical)¹, composta por doze músicos haitianos, realizava uma apresentação na praça central. A fala de Nahum apresentava a banda haitiana *Valide Konpa* para o público presente naquela praça, brasileiros e haitianos. Como músico e etnógrafo em campo, eu havia sido convidado pela banda para participar desse show como segundo tecladista do grupo².

Começo com este trecho da fala de Nahum porque creio que ele seja emblemático para tratarmos de questões que se referem à presença sonora migrante, à produção de territórios sonoros e de estratégias de pertencimento nesta sociedade local (pertencimentos sônicos). Mais amplamente, o recorte desta fala evidencia os modos como etnograficamente experienciei músicas e sons, participando destes recentes fluxos migratórios no Brasil.

Neste artigo, abordo as práticas e os discursos sonoros através dos quais músicos migrantes haitianos têm tensionado determinadas narrativas naturalizadas ou estabelecidas na sociedade brasileira. Tenho sugerido que tais práticas/discursos têm desafiado as dinâmicas de poder nos contextos de multiplicação das fronteiras (MEZZADRA, 2015), e as reflexões aqui tramadas partem de experiências etnográficas nas quais presenciei processos de deslocamento, rupturas ou fricções performatizadas por meio do sonoro. Enfatizarei, portanto, a dimensão sônica como disparadora de tais questionamentos e irei focalizar situações em torno de uma composição/rap que entendo operar como reivindicações políticas de discursos e territórios nesta “cidade migrante”. Nesses sentidos etnomusicológicos, contribuirei a uma produção de conhecimento alinhado com a nova abordagem aos estudos migratórios, proposta por este dossiê (SANTOS; PARDUE, 2023).

Chapecó é a maior cidade do oeste do estado de Santa Catarina, sul do Brasil. O termo “cidade migrante” tem sido utilizado politicamente por coletivos e sujeitos para se referirem a uma Chapecó que, para além de sua formação histórica (de, por exemplo, migrantes alemães, italianos, poloneses e ucranianos) tem visto, nas últimas décadas, a emergência de migrantes haitianos, senegaleses, congoleses e venezuelanos, para mencionar apenas alguns dos grupos mais expressivos. Com cerca de duzentos mil habitantes, é uma cidade de médio porte, com um perfil desenvolvimentista e é reconhecida por ser um polo agroindustrial, um dos fatores responsáveis pela chegada recente de migrantes naquela região. É a cidade do oeste do estado com maior população migrante: o censo de 2022 apontou a presença de cerca de 20 mil migrantes de 52 nacionalidades diferentes, sendo as comunidades haitianas e venezuelanas as mais numerosas.

Minha intenção neste artigo será considerar, em termos sônicos, o impacto dos recentes fluxos migratórios haitianos sobre determinada paisagem sonora (INGOLD, 2008) daquela cidade, buscando, de posições etnomusicológicas³ e etnográficas, algumas mixagens com o que os estudos trazidos aqui têm pautado⁴. Assim, de uma perspectiva da *autonomia das migrações* e da *negricization de las migraciones* investigo como a dimensão sonora tem desafiado as dinâmicas de poder neste contexto migrante. Proponho aproximar performances sonoras a noções como atos de cidadania (ISIN, 2008) ou cidadanias insurgentes, no sentido de questionar como/de quais formas sons podem ser entendidos como participantes de reivindicações e pertencimento.

Sendo um aspecto fundamental de minha tese de doutorado (STRINGINI, 2023), persisto interrogando, aqui, o papel sensível e o caráter agentivo do som neste contexto migratório (KUN, 2016; OCHOA, 2019), posicionando o sonoro no centro dos tensionamentos experimentados em um campo etnográfico⁵. Colocando, portanto, em relevo situações compartilhadas ao longo de minha etnografia, teço um diálogo com perspectivas teóricas que têm pensado os fluxos migratórios como frentes que impactam e impõem desafios às sociedades, contextos e comunidades locais.

Cabe contextualizar que os deslocamentos haitianos ganharam expressividade no Brasil a partir da última década. Para além da “evidência de que a mobilidade é um fenômeno antigo e estrutural no universo haitiano” (BERSANI; JOSEPH, 2017, p. 9), reconhecem-se os movimentos posteriores ao terremoto que atingiu o país em janeiro de 2010 (THOMAZ, 2011) como um novo grande fluxo migratório e que teve o Brasil, sobretudo, como um de seus destinos mais expressivos (JOSEPH, 2015; 2017). Joseph e Neiburg enfatizam:

A mobilidade é constitutiva das paisagens haitianas, no território nacional e na diáspora. Há décadas, boa parte da população circula em escalas local, nacional e transnacional em busca de uma vida melhor, visando contribuir para a manutenção econômica e emocional das pessoas que ficam. (JOSEPH; NEIBURG, 2020, p. 464)

Neiburg (2019) apresenta os cruzamentos entre as histórias do Haiti e do Brasil, tanto mais recentemente (em torno da controversa Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti a partir de 2004, com forte participação do exército brasileiro) quanto pelos passados escravagistas, pela presença de forças coloniais e imperialistas e pelas diferenças “nas formas como lidar com as desigualdades: o Haiti tendo sido o primeiro país a abolir a escravidão em 1804 e o Brasil, o último, em 1888.” (idem, p.7). Sobre o período pós-2010, Neiburg coloca:

Após o terremoto de janeiro de 2010, a relação entre os dois países ganharia ainda nova dimensão: milhares de haitianos começaram a chegar ao Brasil, a América do Sul passou a fazer parte da geografia da diáspora. Os principais pontos de chegada eram Tabatinga, no Amazonas, Corumbá, no Mato Grosso do Sul e Brasileia, no Acre, mas também os aeroportos internacionais do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Brasília. Filas se formavam na Embaixada brasileira em Porto Príncipe. O governo criou um visto “de permanência por razões humanitárias” para cidadãos do país caribenho (Vieira, 2017). O kreyòl começou a ser ouvido em ruas, locais de trabalho (na construção civil, nos serviços), em igrejas, mercados e universidades. (NEIBURG, 2019, p. 11).

A instituição do visto humanitário pelo governo brasileiro em 2012 se deu como efeito do aumento de pedidos de refúgio de nacionais haitianos, substituindo, então, o antigo e defasado Estatuto do Estrangeiro⁶. Esta alteração contribuiu para a continuidade da mobilidade haitiana em direção ao Brasil ainda que, como aponta Kassoum Dieme (2017), há que se considerar a complexidade de fatores envolvidos no processo destes fluxos haitianos que se tornaram expressivos no Brasil, pois não há uma justificativa única para a proporção que tal diáspora ganhou no país: “No que tange à vinda de haitianos para o Brasil a partir de 2010 [...] a dimensão ambiental é destacada, mas sabe-se que a economia e a política são centrais neste processo. (DIEME, 2017, p. 42).⁷

2 SUBJETIVIDADES SÔNICAS MIGRANTES

Em *Multidão e migrações: a autonomia dos migrantes* (2012), Sandro Mezzadra propõe compreender os movimentos migrantes enquanto movimentos políticos e enquanto comunidades políticas. Sua tese da “autonomia das migrações” situa-se como uma “perspectiva de análise das ‘políticas de mobilidade’ – que enfatiza a dimensão subjetiva no interior das lutas e enfrentamentos que constituem materialmente o terreno dessas políticas” (MEZZADRA, 2012, p.73). O contexto italiano do final da década de 1980, assim

como o das décadas seguintes, dado o aumento significativo de migrantes que se deslocavam para aquele país, foram fundamentais para a elaboração da tese de Mezzadra. As alterações no cenário urbano e no mercado de trabalho, com suas novas dinâmicas de flexibilização e precarização tornaram, segundo o autor, o fenômeno das migrações um laboratório para que se interpretassem as novas composições e mobilidades do trabalho (ibid. p.71), e, de modo mais amplo, as relações entre migração e capitalismo e ainda as resistências e lutas que se formam no interior destes fluxos.

Desde os primeiros anos da década de 1990, o movimento migratório na Itália tem dado vida a uma extraordinária mobilização contra o racismo e em favor da “autorização de permanência” (em conexão com os movimentos dos imigrantes indocumentados em muitos outros países europeus); tem também se caracterizado por um protagonismo no conjunto das lutas sociais (a exemplo das lutas por moradia) e sindicais. (MEZZADRA, 2012, p.71)

Mezzadra afirma que é junto com uma série de outros pesquisadores, os quais têm atuações em diferentes lugares (Mezzadra cita, por exemplo, Moulrier Boutang (1998), Papadopoulos, Stephenson e Tsianos (2008)), que a tese da autonomia das migrações passou a ser desenvolvida⁸. No fragmento a seguir, o autor apresenta algumas colocações a respeito de sua tese:

Esta abordagem chama atenção para a irredutibilidade dos movimentos migratórios contemporâneos às “leis” da oferta e procura que supostamente governam a divisão internacional do trabalho e as políticas estatais que visam regular tais movimentos. Também coloca em destaque a excedência das práticas e demandas subjetivas que se manifestam acima e para além das “causas objetivas” que as determinam. Enfatizam ainda – como sustenta Ranabir Samaddar em sua pesquisa seminal sobre migrações transfronteira entre Bangladesh e Bengala – que com muita frequência “a decisão dos imigrantes de escapar das garras das relações sociais e das hierarquias e do poder entrincheirado em seu lugar de origem, em seu país ou cidade...é, na verdade, sua forma de resistir” (SAMADDAR, 1999, p. 150). (MEZZADRA, 2012, p.81).

Um interesse de Mezzadra reside em compreender, a partir desta perspectiva da autonomia das migrações, as subjetividades e os modos pelos quais o controle opera nas migrações. Assim, conceitos como integração (e suas

implicações nas tentativas de delimitar quem está dentro versus quem está fora) e cidadania (e suas implicações em definir quem é cidadão versus quem não é) são explorados: “a abordagem da autonomia das migrações desloca o foco de atenção para a indefinição de qualquer fronteira clara entre dentro e fora que costuma ser logicamente pressuposta pelo conceito de integração” (ibid.,p.82).

É neste deslocar de conceitos os quais estão presentes nos estudos mais clássicos sobre migração – aqui cabe mencionar a crítica a um nacionalismo metodológico (LOBO, 2012; GLICK-SCHILLER, MEINHOF, 2011) – que Mezzadra explora, portanto, um aspecto que reivindico como central para amarrar os fios sônicos-etnográficos-teóricos neste artigo. Tal aspecto a que me refiro está contido em *Desafiando os limites de nossa imaginação política*, última seção de *Multidão e Migrações* (2012). Neste ponto, Mezzadra aborda a definição política da condição migrante e, delineando estes fluxos migratórios enquanto movimentos sociais, lança algumas perguntas: “de que maneira podemos e deveríamos interpretar politicamente as lutas dos migrantes? Em que perspectiva essas lutas se inscrevem, aqui e agora?” (p.94). Na intenção de apontar os limites de nossa imaginação política, Mezzadra desenvolve seu argumento em diálogo com Jacques Rancière e Bonnie Honig. Focalizo as menções a Honig:

Fazendo uma crítica bastante convincente da homologia entre a imagem “xenofílica” do estrangeiro como alguém que tem algo a oferecer, e da imagem “xenofóbica” do estrangeiro interessado em “tomar” algo da sociedade que ele ou ela escolhe para viver, Honig inverte os termos e propõe que pensemos este “tomar” como aquilo mesmo que os imigrantes têm a nos oferecer (HONIG, 2001, p. 99). Em outras palavras, as práticas pelas quais, de acordo com a autora, a cidadania dos migrantes se expressa (mesmo nas condições de exclusão radical da cidadania juridicamente codificada) são vistas como questionadoras das bases estruturantes da própria democracia. (MEZZADRA, 2012, p.95).

Com estes enquadramentos em torno da ideia de que movimentos e ações dos migrantes podem questionar estruturas locais, proponho aproximarmos tais articulações às experiências sonoras neste contexto de mobilidade que foi objeto de minha etnografia. Nessa direção, coloco também algumas perguntas em evidência: como posicionar os modos através dos quais a dimensão sônica está imbricada nestas questões impostas/colocadas em jogo pelos grupos haitianos no Brasil? Ou ainda: de quais formas tal dimensão sônica tem protagonizado estes encontros e tensionamentos entre grupos migrantes e sociedades/indivíduos locais?

Na sequência do seu argumento em torno de uma imaginação política que seria desafiada, e tecendo um diálogo entre autores, Mezzadra diz que “a referência à Rancière é explícita no trabalho de Honig, em sua concepção

de política em que as reivindicações daqueles que não pertencem, “na perspectiva do regime de ‘polícia’, é que vão promover o surgimento de novos direitos, poderes e visões” (HONIG, 2001, p. 101)”⁹. Coloco, com isto, em relevo a expressão “aqueles que não pertencem”: no meu campo de pesquisa, ainda que todos os interlocutores tenham acesso às necessárias documentações para permanência no Brasil, a expressão “aqueles que não pertencem” chama atenção porque pode ser situada como uma categoria que tem sido acionada pela sociedade brasileira/receptora na tentativa de reforçar uma condição na qual aquelas pessoas em mobilidade estariam (de uma perspectiva local) à margem de uma cidadania, sem os direitos de reivindicá-la ou praticá-la. Mezzadra diz que “é difícil resistir à tentação de ler a referência à ‘parte dos que não fazem parte’ pelas lentes das lutas dos *sans-papiers* de 1996” (MEZZADRA, 2013, p.95), e a este respeito diz que “o próprio Rancière autoriza este tipo de leitura ao destacar como os ‘migrantes’ constituem [naquele momento] sujeitos relativamente novos na França” (p.95). Frente a isto, o que cabe sublinhar é que Mezzadra vai delineando a constituição de uma comunidade política no interior destes movimentos migrantes, e nesta elaboração, se torna central o argumento de que deslocamentos migrantes politicamente produzem e friccionam algo: “a imagem da ‘comunidade política’ que se configura aqui é uma imagem que poderíamos dizer que desafia a nossa imaginação política” (idem). Outra vez em diálogo com Rancière, e agora também com Étienne Balibar e Engin Isin, Mezzadra dirá:

A comunidade política, diz Rancière, “é uma comunidade de interrupções, de fraturas, pontuais e locais, pelas quais a lógica igualitária vem separar de si mesma a comunidade policial” (RANCIÈRE, 1998, p. 137). No que tange às migrações, esta é uma perspectiva que casa perfeitamente com o itinerário de pesquisas de Étienne Balibar, desde seu início de envolvimento teórico e político apaixonado com as lutas dos *sans-papiers*, o que o levaria a propor a fascinante figura da “cidadania insurgente” e do migrante como “híbrido” de ator político e atravessador de fronteiras (BALIBAR, 2010). Converge também para as práticas políticas e teóricas que vimos desenvolvendo no âmbito da abordagem da autonomia das migrações, particularmente, vale repetir, no que concerne ao conceito de cidadania. Tentamos de certa maneira distinguir um movimento de cidadania de seu arcabouço jurídico e institucional, enxergando o movimento de lutas dos migrantes na perspectiva das práticas de cidadania que possibilitam, em suas experiências diárias, aquilo que Engin F. Isin (2008) chama de “atos de cidadania”. Esses atos são

descritos como “aqueles que inevitavelmente envolvem um rompimento dos hábitos” (ISIN, 2008, p. 18). A abordagem da autonomia das migrações se interessa particularmente pelos momentos em que os migrantes exercem diretamente seus direitos através de práticas de cidadania (MEZZADRA, 2012, p.96).

Com este quadro de referências e conceituações apresentadas até aqui, proponho uma aproximação ao trabalho do antropólogo haitiano Handerson Joseph (2015; 2017; 2020; 2021) que vem investigando a diáspora haitiana em diferentes contextos. Joseph, ao abordar as migrações haitianas na América Latina, tem apontado uma leitura que contesta estudos feitos sob a ótica de um nacionalismo metodológico e tem proposto um entendimento sobre os recentes fluxos haitianos pelo mundo que pense tais deslocamentos a partir das próprias perspectivas migrantes. Em especial no seu *Negrización de las migraciones* (2021), ao abordar as migrações caribenhas e africanas ocorridas nas últimas décadas nas Américas, Joseph sublinha os efeitos políticos, sociais e culturais nos territórios de destino. A proposta de Joseph reafirma a ênfase nos protagonismos, produções de subjetividades e nos desafios colocados às sociedades locais:

As configurações migratórias negras na América do Sul, Central e do Norte, compostas por haitianos, cubanos, dominicanos, assim como migrantes de vários países africanos (principalmente Senegal, República do Congo, Angola, etc.) mudaram o perfil da migração nessas regiões, forçando Estados-nação como Brasil, Argentina, etc., a reformular suas políticas migratórias discriminatórias de décadas, com ênfase no branqueamento e no controle das fronteiras para conter os migrantes negros considerados indesejáveis. (JOSEPH, 2021, p.81, tradução minha).

Nesta proposta interpretativa, Joseph nos tem suscitado considerar o quanto a dimensão sonoro-musical tem, de alguma forma, estado em sintonia com os movimentos, associativismos e novas produções migrantes haitianas no Brasil. Nessa direção, por produções tenho me referido aos tensionamentos e mudanças provocadas e àquilo que é produzido a partir das presenças e participações migrantes na sociedade local.

A negrización de las migraciones não se refere apenas ao aumento da população negra entre aqueles que migram, nem ao aumento de sua classe social e de seu nível educacional, mas sobretudo à agência e ao agenciamento dos migrantes negros, às redes criadas e às profundas

mudanças trazidas por eles em termos de educação, cultura, religiosidade, língua e política nos países de residência, em função de suas trajetórias constituídas a partir de seus países de origem. Isto rompe com a ideia de que estes migrantes são essencialmente miseráveis econômica, política e intelectualmente, e também coloca a ênfase no potencial de suas trajetórias individuais e coletivas em múltiplas escalas de temporalidade e espacialidade, permitindo uma interpretação matizada da *negrización* da migração (JOSEPH, 2021, p.79, tradução minha).

Diante disso, proponho considerarmos em termos sônicos as questões colocadas por Joseph quanto aos agenciamentos e redes haitianas no Brasil. Refiro-me a consideramos o quanto shows e festas haitianas, projetos musicais de haitianos no Brasil, as colaborações com artistas brasileiros, as instalações de estúdios organizados por músicos haitianos, os coletivos e bandas, canções, letras, *beats*, rimas e videocliques protagonizam certos aspectos das mobilidades haitianas no Brasil. Sugiro, em última análise, considerarmos tais práxis sonoras (ARAUJO, 2013) enquanto cidadanias insurgentes ou atos de cidadania. Ou seja, uma cidadania que é experimentada, também, por meio das práticas sonoro-musicais.

3 PRESENCAS SÔNICAS NA CIDADE

No campo da etnomusicologia, realizei uma etnografia entre músicos haitianos vivendo, sobretudo, no Sul do Brasil. O ponto de partida desta pesquisa se deu em Chapecó, pois eu havia me mudado para aquela cidade para trabalhar como professor de música na Secretaria de Cultura Municipal, chegando do estado vizinho Rio Grande do Sul. Através dos espaços em que atuei neste novo local, passei a conhecer músicos haitianos que estavam estudando música ou circulando por estes mesmos espaços. A partir destes encontros, fui recebendo convites para integrar bandas e a participar de gravações, ensaios, festas e demais atividades, musicais ou não, já que as demandas em campo passaram a se dar também com relação a assuntos como moradia, saúde, vistos, documentações etc.

A seguir, apresento experiências etnográficas sonoras em torno da performance de um rap e busco articulá-las com as questões trazidas na primeira seção deste artigo.

Figura 1 – Videoclipe Meu Desabafo de Malko J.



Fonte: *printscreens* do vídeo clipe “Meu desabafo” de Malko J., disponibilizado no Youtube

Logo que cheguei na cidade de Chapecó, no início de 2017, ouvi falar do trabalho do artista Malko J. Malko é um jovem rapper e DJ natural da capital haitiana Porto Príncipe e que vive no estado de Santa Catarina há cerca de dez anos. Neste momento em que conheci sua música, ele recentemente havia lançado o videoclipe de “Meu Desabafo”¹⁰, cujas gravações haviam sido feitas em diferentes locais públicos da cidade, sendo o mais emblemático deles o estádio de futebol do time local Chapecoense. Naquela altura, se passavam poucos meses do trágico acidente do avião da equipe¹¹. “Força, Chape! Força, Chape!”¹² são as palavras de Malko que abrem o vídeo, com a performance do músico nas imediações do estádio. Naquele momento, a música e seu respectivo videoclipe repercutiam e circulavam pela cidade.

Posteriormente a este meu primeiro contato com o trabalho do músico, através dessa canção que se relaciona afetivamente com a cidade (ao mesmo tempo em que tece fios poéticos que se conectam ao Haiti), conheci outra composição sua, *Terra de Coronéis*¹³, e que será central nesta seção. *Terra de Coronéis* foi criada em parceria com um coletivo de rappers da cidade, o Sociedade Rap de Rua (SRR), e sua letra retoma um determinado histórico da cidade (recontando um assassinato na principal praça, na metade do século XX), ironiza o slogan de cidade agroindustrial e de cidade do trabalho atribuído à Chapecó, e aponta uma face xenófoba e racista local. Dividida em duas partes, a primeira é cantada por Cristian, do grupo Sociedade Rap de Rua, e a segunda por Malko J.:

[Parte 1]

O Brasil é meu lugar mesmo com tudo bagunçado
Aqui já não é mais só futebol, carnaval
Multiterritorial, cultural, racial, multinacional, o animal irracional
Governo sangue suga até corrupção astral
E quem se salva nessa guerra na luta pelo poder
E quem só quer poder trabalhar sem sofrer
E quem veio pra cá atrás de uma vida melhor
E sente a dor desse maldito algoz
Chegar numa entrevista e a humilhação de ser barrado porque quando te ligaram
tu não disse que era afro
É lamentável, o câncer não curou do passado
Olha o estrago que as mentes do passado ainda causam
E trazem a lembrança da barbárie
Os irmãos queimados vivos por um bando de covardes que levam os nomes de
praças e ruas
Difamando o povo e reprimindo a luta
Sentimento verdadeiro é o amor pelo dinheiro
O ódio e a ganância são os pilares do templo
Com milhões de fiéis adorando o demônio e beijando seus pés
SP, SC¹⁴ a história é a mesma
Safado de barriga cheia roubando merenda
Capital da agroindústria, turismo de negócio, colono escravo no “migué” que era
sócio
E patrocinam o time, financiam campanha, trabalhador explorado já não tem
esperança
Inventam a crise mas tudo milionário, pro povo se humilhar, aceitar qualquer
salário
Artimanhas que vão da prefeitura ao senado, montando o verdadeiro crime
organizado
Morador despejado, índios executados, sem terra ocupa onde impera o descaso
Estudante espancado, professor humilhado pelo direito da escola e condição de
trabalho
De que adianta o poder se o espírito é fraco?
De que adianta a luz e os olhos fechados?
Se o povo não lutar vai viver sufocado, na terra dos coronéis que comandam o
estado

[Parte 2]

É um rapaz caribenho, latino americano
Eu sei que os povos sofrem e eram escravizados
Os negros indignados, indígenas, caboclos, muitos foram matados, calados
Haha Vamos seguindo, haitiano ainda é assassinado, discriminado
Não somos coitados porque somos *Toussaint, Dessalines, Pétion*
Somos humilhados porque aqui não tem ninguém que nos represente
Imigração no Brasil a cada dia fere nosso orgulho
Dão vinagre por água ao negro, e empresário paga metade de um salário mínimo
Um sorriso falso é o pagamento do trabalho
Achar serviço é fácil, mas na hora da entrevista por causa da cor da nossa pele
eles matam nosso currículo
Caraca, século 21 ainda tem o preconceito, até na procura do trampo tem um
conceito
A cidade é um campo, quem fica em pé tá no comando
Sou preto, sim! Abordagem fora da lei eu não aceito e nem me calo
E prefiro voltar do que trabalhar pela força na escravidão moderna por mão de obra
I'm to be haitian, valeu!¹⁵

Figura 2 – Vídeo Terra de Coronéis de Malko J. e Sociedade Rap de Rua



Fonte: *printscreen* do vídeo Terra de Coronéis de Malko J. e Sociedade Rap de Rua, disponibilizado no youtube.

Malko J. e o coletivo Sociedade Rap de Rua (SRR) evidenciam, tanto diretamente na música quanto nos seus discursos em torno dela, uma cidade migrante e, nela, as vivências recentes de sujeitos e comunidades migrantes.

Eles apontam uma cidade/região com um histórico de migrações que remontam àquelas ocorridas no final do século XIX por, por exemplo, italianos, alemães, poloneses e ucranianos, período em que nacionais desses lugares se deslocaram, principalmente, para a Região Sul do país. Malko e o SRR apontam uma cidade industrial que oferece empregos precários, apontam o preconceito da cidade e mencionam um assassinato em praça pública pelos “coronéis daquela terra”¹⁶. O episódio em questão envolve o linchamento e tortura de quatro pessoas ocorrido em 1950, caso que, de muitas formas, ainda ronda o cotidiano e imaginário local e foi retratado recentemente no documentário *A primeira pedra* (2018), de Vladimir Seixas, e no livro *O linchamento que muitos querem esquecer* (2013), de Monica Hass.

Malko J., diferente de outros músicos interlocutores de minha etnografia, tem uma circulação mais ampla no circuito de música local, especialmente na cena rapper, participando da organização de batalhas de MC’s e de festas como DJ em boates centrais. Sobre o rap em questão, Malko me diz que, com essa música, passou a sofrer abordagens policiais mais violentas, atribuindo isto ao teor de provocações que a música contém, expõe e sonifica.

[Malko J.] — Pela música eu fui abordado de uma forma dura. Depois disso me escondi por um tempo.

[Daniel] — A música ficou conhecida, né?

[Malko J.] — Sim, o “Terra de coronéis” tá na boca da gurizada, né. A música viralizou no *youtube*, porém a música viralizou no *whatsapp*, eu lembro que todo mundo compartilhava, e tocava todo domingo nos rolês, programas locais, então a música ficou bem famosa em Chapecó.

As perseguições racistas e xenófobas sofridas até aquele momento se tornavam, então, mais carregadas a partir das performances deste rap. Ressoando este aspecto, Cristian (SRR) me diz que passou a ser comum receberem intimações e ameaças da polícia local. Ele diz que este tipo de violência se deu até um determinado ponto em que os próprios atos violentos passaram a ser inibidos ou constrangidos na medida em que esta música tornou mais visível/audível a cena rap e a própria questão migratória. Parece-me interessante que este tipo de violência, de certa forma, arrefeça uma vez que as questões amplificadas pelo rap são postas no debate público.

[Cristian do SRR] — Esse som...quando foi lançado esse som, nossa! aí foi perseguição total. Só que aí eles pararam, né, porque a gente começou a expor e tal, e aí se eles fizessem alguma coisa contra nós, ia cair a casa pra eles também. Então acabaram deixando quieto.

A perseguição que ambos relatam sugiro ser emblemática de um espaço de tensão que a composição cria. As experiências em torno dessa música me

remetiam a um episódio ocorrido alguns anos antes desse lançamento de Malko e SRR, e que se deu em torno do livro de Hass (2013), mencionado anteriormente, o qual aborda esse mesmo histórico violento da cidade. Assim como ouvi, logo que cheguei naquela cidade, a música de Malko ser comentada na cena musical, ouvi também notícias em torno do lançamento desse livro. Ataques eram endereçados à autora por ter recolocado, publicamente, o mesmo linchamento que era mencionado, agora, na música de Malko e do SRR. Tais ataques eram explicados, então, pelo fato de o livro evidenciar uma elite que atravessa passado e presente local. As perseguições acionadas pela performance de *Terra de Coronéis* receberiam, por sua vez, estas mesmas explicações, tal como me dizem Malko e Cristian.

Tenho indicado, aqui, os espaços de tensão que esta música produziu e cabe salientar os múltiplos elementos que ela coloca em jogo: uma história local, migrações contemporâneas e históricas, trabalho, classe e questões étnico-raciais. Neste sentido, seguindo a noção de nexos, tal como elaborado pelo etnomusicólogo ganense Kwabena Nketia, podemos dizer que esse rap está operando como um nexo entre subjetividades coletivas e individuais e entre experiências do passado e do presente. Como proposto por Nketia, nexo indica “um meio de conexão ou simultaneidade entre domínios – que de outra forma seriam distintos institucionalmente (e analiticamente) – trazidos juntos para dentro da estrutura do evento musical”¹⁷ (CHERNOFF, 1989, p.2). Creio que as experiências em torno desta composição recoloquem questões que são, agora, enunciadas também por um artista haitiano. Creio ainda que experiências em torno deste rap complexifiquem a trama étnico-racial, política e econômica que compõe a cidade e insiram novas camadas de entendimento quanto às noções de pertencimento e cidadanias insurgentes articuladas pelo sonoro. Nesse caminho, autores como Andrisani (2015)¹⁸ e McMahon (2017)¹⁹ têm se referido a uma ideia de cidadania sônica.

Ao mesmo tempo em que os discursos musicais e os discursos em torno deste rap apontam para um campo de enfrentamento, tal como venho apresentando, ainda assim apontam, também, para uma expansão das redes de contato e visibilidades da migração na cidade, para a migração haitiana no Brasil, para as práticas de artistas haitianos e para o rap local na cidade de Chapecó. Cristian diz que a parceria entre o SRR e Malko J. abriu a possibilidade de diálogo com a comunidade haitiana na cidade e ainda com um público que, segundo ele, não se relacionava com o rap local antes desta performance.

[Cristian do SRR] — Acredito que essa música foi um marco pra Chapecó, pra firmar mesmo a questão do rap na cidade. Muita gente que não curtia rap gostou dessa música, elogiou, começou a curtir rap a partir desse trabalho, isso que foi bom. Muita gente falava “ah não curtia muito rap e depois que escutei aquela música de vocês comecei a

escutar outras letras"... pessoal vindo pedir referências de outras músicas...porque é difícil, você não tá no meio, ali, não se interessa muito pela cultura, você vai ouvir 2, 3 músicas que não te agradem, enfim, pessoal começou a se interessar mais pela cultura, os eventos foram mais intensivos, as casas de shows se abriram mais para nós, também, então foi bem interessante.

Sua fala chama atenção para a visibilidade que a música rap na cidade passa a ter a partir de "Terra de Coronéis", para uma escuta local direcionada à questão migratória, e para uma música que passa a circular em setores educacionais e políticos na cidade, pois este rap e suas questões foram desdobradas em conversas e encontros em escolas, universidades e, de forma mais ampla, no debate público.

[Cristian do SRR] — A cena aqui de Chapecó aceitou muito bem [esse rap], foi muito bem aceito, teve alguns eventos que a gente fez que, por conta do Malko, a gente conseguiu se aproximar bastante do pessoal do Haiti [...] A gente foi nas escolas, chamaram a gente nas universidades pra falar sobre a música, fizeram trabalho sobre a música, enfim, foi bem interessante, foi bem proveitoso, posteriormente, pelo resultado que deu, como isso se espalhou.

Tomando os territórios desta cidade e o quanto as migrações contemporâneas os tem reconfigurado, faço uma aproximação com o que Hofman e Atanasovski (2017) apresentam sobre contextos de disputas e grupos minoritários. Mencionam o caso de um coral na capital Liubliana, Eslovênia, cuja proposta é ocupar a cidade através de apresentações em espaços públicos. A base do coral são repertórios musicais que se relacionam com determinados códigos militantes, com "canções políticas" e com registros que fizeram parte de diferentes lutas e resistências. Hofman e Srdan dizem que, desse modo, este coral busca "reintroduzir histórias marginalizadas/'escondidas' da cidade (de mulheres, migrantes, refugiados etc.) no seu mapa e revelar paisagens urbanas 'inapropriadas'" (HOFMAN, ATANASOVSKI, 2017, p.95, tradução minha)²⁰. Memórias sonoras são abordadas pelos autores como sendo intervenções naqueles territórios pós-dissolução da Iugoslávia. Referem-se àquelas ações sônicas em torno do coral como modos de participação política no enfrentamento às políticas urbanas de silenciamento.

No caso em torno da música de Malko J. e do coletivo Sociedade Rap de Rua, ao mesmo tempo em que apresentam e reafirmam questões que se referem às migrações do século XXI, sobre ser negro migrante naquela cidade, trazem à tona um panorama profundo daquela cidade. Mais do que recolocar estes episódios históricos em cena (recolocar o "inapropriado", mencionando Hofman e Srdan), as articulações produzidas em torno desse rap atualizam questões

ligadas ao racismo brasileiro e à experiência haitiana e migrante negra no Sul do Brasil, nestas primeiras décadas do século XXI. A música coloca em relevo essa experiência migrante recente e, diante disto, estabelece pontos de contato e pontos de tensionamentos. Por pontos de contato me refiro à rede criada por Malko entre rappers e outros artistas no Brasil. Por pontos de tensionamentos me refiro aos efeitos violentos amplificados pela performance dessa composição. Creio que, de modo amplo, a migração haitiana seja colocada no debate público através da performance do rap de Malko J. e SRR.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do meu envolvimento com este trabalho etnomusicológicos, percebi e escutei, em campo e nas interlocuções, inúmeras situações etnográficas em que as práticas musicais e sonoras deslocavam discursos e imaginários locais. Estas situações etnográficas passavam, por exemplo, pelas escolhas dos repertórios musicais de haitianos que incluíam músicas brasileiras nos seus trabalhos, o que gerava respostas das mais variadas na sociedade local que, ora buscava reforçar um “imaginário sonoro caribenho”, ora desprezava e interditava as conexões musicais que estes artistas migrantes criavam e têm criado nas cidades brasileiras. Estas situações etnográficas passavam, também, por um deslocar dos códigos estabelecidos nas cenas musicais (CAMBRIA, 2017) locais através das fusões e aproximações propostas por eles (entre konpa haitiano e sertanejo universitário, entre funk carioca e vodu, entre reggae costa marfinense e reggae sul brasileiro, entre rap haitiano e pop brasileiro radiofônico), e de um trânsito entre sonoridades e idiomas cantados.

Para este artigo, escolhi focalizar em um rap que é resultante de diálogos entre músicos haitianos e brasileiros na cidade de Chapecó, e cuja música tem suscitado reflexões sobre os impactos na sociedade local na medida em que tem amplificado questões prementes hoje e lançado no debate público discussões em torno das migrações recentes. Em uma cidade como Chapecó, majoritariamente branca, o fato de músicos brancos transitarem em estúdios, ensaios, shows e festas, pelos bairros periféricos e centrais, em trabalhos com músicos haitianos, já provoca alguma impressão local (como pesquisador e músico branco que tem trabalhado e tocado com músicos haitianos, tenho experienciado isto), e com isto, sugiro que a reverberação em torno deste rap aqui abordado exceda esse lugar e provoque outros questionamentos. Em diálogo com esta experiência performática e situando o quanto as recentes movimentações sônicas haitianas têm desafiado nossa imaginação política, propus uma aproximação a autores que têm abordado os protagonismos migrantes, as estratégias, lutas e reconfigurações de territórios. Um dos interesses deste artigo incide sobre certos ambientes sônicos que se modificam. E por ambientes sônicos me refiro, especificamente aqui, a uma cena rap local que se altera e experimenta novas temáticas, rimas, sons, parcerias e articulações.

Como fechamento, creio que a noção de práxis sonora, tal como desenvolvida por Samuel Araujo (2013), seja fundamental para que os discursos sonoros e os discursos em torno do sonoro sejam tomados como um todo complexo. Araujo dirá que práxis sonora se caracteriza pela

articulação entre discursos, ações e políticas concernentes ao sonoro, como esta se apresenta, muitas vezes de modo sutil ou imperceptível, no cotidiano de indivíduos [...] grupos [...] empresas e instituições [...] tomando como pano de fundo a política e as lutas pela cidadania plena e pelo poder no Brasil hoje. (ARAUJO, 2013, p.8)

Nesta citação, é particularmente interessante quando Araujo menciona a luta por cidadania que subjaz a tais discursos e ações sonoras. Tal aspecto se sobrepõe à minha intenção de situar as mobilizações migrantes em torno do sonoro enquanto presenças e reivindicações territoriais, políticas, de escutas e visibilidades. O sonoro, sendo assim, um lugar de prática e negociação de novos pertencimentos e um lugar possível para que cidadanias insurgentes sejam reivindicadas ou experimentadas.

NOTAS

¹ “O estilo musical haitiano denominado *konpa* ou *compas*, possui os seus mais influentes grupos que dominam o cenário musical (trans)nacional haitiano sediados em Miami (Zenglen, T-Vice, Nu Look, Klass, Disip, Armonik) e em Nova York (Carimi, System Band, Phantom), apelidados de *konpa diaspora*. Esses grupos circulam nos territórios da *diaspora* haitiana nos diferentes países e no Haiti. (JOSEPH, 2015, p. 63).

² Este artigo é parte de minha tese de doutorado em etnomusicologia intitulada “Deixar o som andar”: as mobilidades haitianas no Brasil a partir das performances sônicas e escutas (STRINGINI, 2023), realizada no Programa de Pós-Graduação em Música da UNIRIO com a orientação de Vincenzo Cambria.

³ Etnomusicologia é o campo interdisciplinar que se propõe a pensar a música e o som como algo inseparável de dimensões étnico-raciais, sociais, econômicas, políticas e outras.

⁴ O uso do termo mixagens é inspirado na publicação *Mixagens em campo: etnomusicologia, performance e diversidade musical* (2013), organizado por Maria Elizabeth Lucas.

⁵ A etnomusicologia tem produzido, nas últimas décadas, trabalhos referenciais sobre migração e música, tais como Baily (2005), Hemetek (2005), Sardo (2010), Ramnarine (2007) e Shelemay (1998).

⁶ “O episódio da migração haitiana para o Brasil é parte de um processo bem mais amplo da inserção do país no sistema migratório mundial. A sua relevância estaria ligada não tanto ao número de imigrantes, mas, possivelmente, à forma com que o fluxo migratório teria ocorrido e aos desafios que foram colocados à sociedade brasileira. Por outro lado, a chegada dos haitianos e também de imigrantes de outras nacionalidades mostrou que os mecanismos legais que

dispõem o país não estão adaptados à nova realidade de um mundo no qual as pessoas transitam por diversas razões, sendo a mais importante a migração laboral.” (FERNANDES; FARIA, 2017).

⁷ A entrada de haitianos em território brasileiro expôs as contradições das leis migratórias então vigentes no país, as quais, de certo modo, colaboraram para que esse processo se desse de modo a colocar as pessoas migrantes em situação de subemprego. Para terem um visto de entrada, era preciso terem um reconhecimento de refugiado (o que a maioria não conseguia) ou um contrato de trabalho. Desse modo, a chegada ao Brasil se dava, por vezes, de maneira ilegal e demorada ou a partir de um contrato de trabalho que era fornecido, no caso de Chapecó, pelas indústrias da carne instaladas naquela cidade.

⁸ Uma das primeiras versões foi experimentada em Mezzadra (2004) *Capitalismo, migrazioni, lotte sociali: Appunti per una teoria dell'autonomia delle migrazioni*. In: *I confini della libertà. Per un'analisi politica delle migrazioni contemporanee*. Roma, Derive Approdi.

⁹ Aqui a noção de “pólicia” se conecta, segundo Mezzadra, ao modo como Rancière se aproxima dos trabalhos de Michel Foucault.

¹⁰ Link do vídeo clipe “Meu desabafo” de Malko J. <https://www.youtube.com/watch?v=Cnv-lrMHxt8>

¹¹ Em 28 de novembro de 2016, o avião que levava a equipe de futebol Chapecoense caiu próximo à cidade de Medellín, Colômbia.

¹² “Chape” é o modo como o time Chapecoense é chamado.

¹³ <https://www.youtube.com/watch?v=75nm2AiOOCw>

¹⁴ Respectivamente, as siglas dos estados de São Paulo e Santa Catarina

¹⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=75nm2AiOOCw>

¹⁶ No vídeo Terra de Coronéis, enquanto a letra da música é mostrada em sincronia com o som, há, ao fundo, a imagem dos dois artistas olhando para uma conhecida estátua de Chapecó, o monumento “O Desbravador”, que simboliza, no histórico local, os processos de espoliação na região. O monumento, que no vídeo aparece coberto de sangue, fica localizado ao lado da igreja da praça central, território que aparece na abertura deste artigo. No vídeo, Malko está cobrindo o rosto com um lenço estampado com a bandeira do Haiti.

¹⁷ Esta tradução, não publicada, foi feita em 2011 pelo Grupo de Estudos Musicais (GEM) ligado ao Programa de Pós-Graduação em Música da UFRGS. Foi traduzida coletivamente por Paulo Muller, Ivan Paolo, Marília Stein, Luciana Prass, Paulo Murilo, Mario Maia, Leonardo Cardoso e Maria Elizabeth Lucas.

¹⁸ “I refer to these everyday moments using the term *sonic citizenship*, which I define as the communal production of acoustic spaces by those without sustained access to political power.” (ANDRISANI, 2015, p. 5).

¹⁹ “In this essay, I explore how citizenship – as a co-constitutive act of performance – can be (re)sounded and unstuck in performance, specifically within plays and theater spaces where audiences have the potential to take up the themes of the play.” (MCMANON, 2017, p. 204).

²⁰ “Their mass singing aims to reintroduce “hidden”/marginalized city histories (of women, migrants, refugees, etc.) on the city map and reveal “inappropriate” city soundscapes.” (HOFMAN, ATANASOVSKI, 2017, p. 95).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS :

- ANDRISANI, Vincent. "The Sweet Sounds of Havana: Space, Listening, and the Making of Sonic Citizenship." **Sounding Out!**: The Sound Studies Blog. 17 Sept. 2015.
- ARAUJO, Samuel. Entre muros, grades e blindados; trabalho acústico e práxis sonora na sociedade pós-industrial. **El oído pensante** 1 (1), 2013.
- BAILY, John. So Near, So Far: Kabul's Music in Exile. **Ethnomusicology Forum**, vol.14, nº 2, 2005, pp.213-33.
- BERSANI, Ana Elisa; JOSEPH, Handerson (org.). Dinâmicas migratórias haitianas no Brasil: desafios e contribuições. **Temáticas: Revista dos pós-graduandos em Ciências Sociais**. IFCH/UNICAMP, n.49/50, 2017, pp.9-16.
- CAMBRIA, Vincenzo. Cenas musicais: reflexões a partir da etnomusicologia. **Revista Música e Cultura**, v.10, n.1, 2017.
- CHERNOFF, J. M. The relevance of ethnomusicology to anthropology: strategies of inquiry and interpretation. Em: DjeDje, Jacqueline (ed.) **African musicology: current trends**. Los Angeles, Univ. of California Press, v.1, 1989, p.59-92.
- DIEME, Kassoum. O Haiti e suas migrações. BERSANI, Ana Elisa; JOSEPH, Handerson (org.). Dinâmicas migratórias haitianas no Brasil: desafios e contribuições. **Temáticas: Revista dos pós-graduandos em Ciências Sociais**. IFCH/UNICAMP, n.49/50, 2017, pp.17-48.
- FERNANDES, Duval; FARIA, Andressa Virginia de. O visto humanitário como resposta ao pedido de refúgio dos haitianos. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Belo Horizonte, v.34, n.1, jan./abr. 2017, p.145-161.
- GLICK-SCHILLER, Nina; MEINHOF, Ulrike Hanna. Singing a new song? Transnational migration, methodological nationalism and cosmopolitan perspectives. **Music and Arts in Action**, v.3, n.3, 2011, p.21-39.
- HASS, Monica. **O linchamento que muitos querem esquecer**: Chapecó, 1950-1956. Argos Editora, Chapecó, SC. 2013.
- HEMETEK, Ursula. Mundos musicais inesperados de Viena: imigração e música. Em: CÔRTE REAL, Maria de São José (org.), **Revista Migrações – Número Temático Música e Migração**, n.7, Lisboa: ACIDI, out.2010, pp.119-146.
- HOFMAN, Ana; SRDAN, Atanasovski. Sonic memory interventions against politics of urban silencing. **МУЗИКОЛОГИЈА / Musicology**. v.22, 2017.
- HONIG, B. (2001) **Democracy and the Foreigner**. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- INGOLD, Tim. Against Soundscape. In: CARLYLE, Angus (ed.), **Autumn Leaves: Sound and the Environment in Artistic Practice**. Paris: Double Entendre, p.10-13, 2008.
- ISIN, E.F. (2008) 'Theorizing Acts of Citizenship' In: Isin, E.F. Nielsen, G.M. (eds.) **Acts of Citizenship**. Londres: Zed Books, p. 15-43.

- JOSEPH, Handerson. La negrización de las migraciones. In: Miranda, Bruno; Diaz, Mariela; Alfaro, Yolanda; Joseph, Handerson. (Trans) **Fronteriza: mobilidades y diásporas negras en las Americas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, CLACSO, set.2021, pp.76-86.
- JOSEPH, Handerson. Diáspora: Sentidos sociais e mobilidades haitianas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 21, n. 43, p. 51-78, jan./jun. 2015, disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ha/i/2015.v21n43/>>. Acesso em 15 de mar. de 2021.
- JOSEPH, Handerson. Diáspora. NEIBURG, Federico (Org). **Conversas etnográficas haitianas**. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens Edições, 2017, pp.190-215.
- JOSEPH, Handerson; NEIBURG, Federico. A (i)mobilidade e a pandemia nas paisagens haitianas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.26, n.58, set./dez. 2020, p.463-479.
- KUN, Josh. The aesthetics of allá: listening like a sonidero. In: RADANO, Ronald; OLANIYAN, Tejumola (org.). **Audible Empire: music, global politics, critique**. Duke University Press, Durham, London, 2016, p.95-116.
- LOBO, A.S. Fluxos, desafios ao fazer antropológico? In: Lobo, A.S. (org.). **Entre fluxos**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012, p.9-29.
- LUCAS, Maria Elizabeth (Org.). **Mixagens em campo: etnomusicologia, performance e diversidade musical**. Porto Alegre: Marcavizual, 2013.
- MCMAHON, Marci R. Sonic cultural citizenship through performance: CASA 0101's production of Josefina López's Detained in the Desert, **Text and Performance Quarterly**, 37:3-4, 2017, 203-219
- MEZZADRA, Sandro. Capitalismo, migrazioni, lotte sociali. Appunti per una teoria dell'autonomia delle migrazioni. In: **I confini della libertà**. Per un'analisi politica delle migrazioni contemporanee. Roma, Derive Approdi, 2004.
- MEZZADRA, Sandro. Multidão e migrações: a autonomia dos migrantes. **Revista Eco-Pos**, 15(2), 70–107, 2013, acessado em: 20 de junho de 2022, disponível em: <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v15i2.900>
- MEZZADRA, Sandro. Multiplicação das fronteiras e práticas de mobilidade. **REMHU - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, Ano XXIII, n. 44, Dossiê Migrações e Fronteiras, jan./jun. 2015, p. 11-30.
- MOULIER BOUTANG, Yann. **De l'esclavage au salariat**. Économie historique du salariat bridé. Paris: PUF, 1998.
- NEIBURG, Federico (Org). **Conversas etnográficas haitianas**. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens Edições, 2019.
- NKETIA, J. H. Kwabena. Problem of Meaning in African Music," **Ethnomusicology** 6(1):1-7. 1962.
- OCHOA, Ana Maria. Afterword: sonic cartographies. In: STEINGO, Gavin; SYKES, Jim (orgs). **Remapping sound studies**. Duke University Press, Durham, London, 2019.

- PAPADOPOULOS, D.; STEPHENSON, N.; TSIANOS, V. **Escape Routes**. Control and Subversion in the 21st Century. Londres–Ann Arbor, MI: Pluto Press, 2008.
- RAMNARINE, Tina K. Musical Performance in the Diaspora: Introduction. **Ethnomusicology Forum**, v. 16, n. 1, p. 1-17, Jun. 2007.
- SANTOS, Fábio.; PARDUE, Derek. Introduction: Borders and Belongings / Introdução: Fronteiras e Pertencimentos. **TRAVESSIA – Revista do migrante**, n. 96, p. 5-10, 2023.
- SARDO, Susana. Proud to be a Goan: memórias coloniais, identidades pós-coloniais e música. Em: CÔRTE REAL, Maria de São José (org.), **Revista Migrações – Número Temático Música e Migração**, n.7, Lisboa: ACIDI, out.2010, pp.55-73
- SHELEMAY, Kay Kaufman. **Let jasmine rain down: Song and remembrance among Syrian Jews**. Chicago, IL, and London: University of Chicago Press, 1998.
- STRINGINI, Daniel. **“Deixar o som andar”**: as mobilidades haitianas no Brasil a partir das performances sônicas e escutas. 2023. 214 p. Tese (Doutorado em Etnomusicologia). Programa de Pós-Graduação em Música, Centro de Artes e Letras, UNIRIO, Rio de Janeiro.
- THOMAZ, Omar Ribeiro. Eles são assim: racismo e o terremoto de 12 de janeiro de 2010 no Haiti. **Cadernos de campo**, São Paulo, n.20, p. 273-284, 2011.

RESUMO

Neste artigo, abordo os discursos sonoros através dos quais músicos haitianos têm tensionado determinadas narrativas estabelecidas na sociedade brasileira. Em diálogo com experiências performáticas, e assinalando o quanto as recentes movimentações sônicas haitianas têm desafiado nossa imaginação política, situo o sonoro enquanto um lugar de prática e negociação de novos pertencimentos e um lugar possível para que cidadanias insurgentes sejam experimentadas ou reivindicadas.

Palavras-chave: Etnomusicologia; Etnografia da música; Práticas sônicas; Músicos haitianos; Mobilidades contemporâneas.

ABSTRACT

In this article I discuss the sonic discourses through which Haitian musicians have interrogated certain established narratives in Brazilian society. In dialogue with performative experiences, and through pointing out how recent Haitian sonic movements have challenged the political imagination, I situate the sonic as a place of practice and negotiation of new forms of belonging and a possible place to claim insurgent citizenship.

Keywords: Ethnomusicology; Ethnography of music; Sonic practices; Haitian musicians; Contemporary mobilities